

Papel Multidimensional da Família na Participação dos Filhos em Atividades Físicas: Revisão de Literatura

The Multidimensional role of the family in their children's participation in physical activity: literature review

Aylton J. Figueira Junior ¹
Maria Beatriz Rocha Ferreira ²

Resumo

[1] Figueira Jr., A.J. e Rocha Ferreira, M.B., Papel Multidimensional da Família na Participação dos Filhos em Atividades Físicas: Revisão de Literatura. Rev. Bras. Ciên. e Mov. 8 (2): 31-42, 2000.

O objetivo do presente estudo foi apresentar, através desta revisão, os aspectos do comportamento familiar, em relação às atividades cotidianas sobre a interferência do nível de atividade física e atitudes dos filhos. Os estudos apontam para interferência da família, em especial dos pais, nas atividades diárias dos filhos. Observamos efeito positivo do comportamento paterno e materno no nível de atividade física de crianças, com maior interferência em idades menores e, à medida que os filhos ficaram mais velhos, as atitudes e decisões pessoais dos adolescentes prevaleceram. Encontramos que a decisão materna está relacionada aos fatores ambientais, principalmente à permissão dos filhos fazerem atividades físicas, considerando os locais de prática, fortemente dependentes da segurança e estrutura física. Por outro lado, a relação dos hábitos nutricionais da família também apresentaram uma relação positiva com as atitudes dos filhos. Encontramos uma relação entre as atitudes dos filhos e as características sócio-culturais da família, onde aspectos étnicos e econômicos são fatores determinantes para as atitudes dos membros do convívio familiar. Por outro lado, notamos que as mudanças estruturais da família, em países em desenvolvimento, são maiores que em países desenvolvidos, sendo que tais alterações são dependentes das condições econômicas, à medida que houve a necessidade dos membros da família se envolverem em atividades produtivas remuneradas. Assim, poderíamos concluir que as atitudes dos filhos têm estreita relação com o comportamento familiar, nas diferentes atividades diárias, levando-nos a hipotetizar que programas de intervenção da atividade física levam em consideração os aspectos culturais da população, para haver efetividade na modificação do conhecimento familiar sobre os benefícios de um estilo de vida ativo.

UNITERMOS: Família, Atividade Física, Crianças e Adolescentes

Abstract

[2] Figueira Jr., A.J. e Rocha Ferreira, M.B., The Multidimensional role of the family in their children's participation in physical activity: literature review. Rev. Bras. Ciên. e Mov. 8 (2): 31-42, 2000.

The purpose of this study is to present a literature review on family behavior and its relationship with the level of physical activity and the attitude of offsprings. The papers presented the influence of the family, specially parents, on children's physical activity. It was possible to observe a positive effect of the parent's behavior on the child's physical activity level, with stronger influence at younger ages, and weaker as age increases, with self decision as the major active variable. We found that the mother's decision is related to the environmental factors; such as the place to practice, with safety and physical facilities as decisive factors. On the other hand, family nutritional habits also presented a positive relationship to children's behavior. A relationship was found between their attitude and their families' socio-cultural characteristics, as determined by ethnical and economical factors. Also was found that structural changes in the family are wider in developing countries than in developed ones. These changes are closely dependent on economic conditions, considering that members needed to be involved in the family income. Thus, we could conclude that children's attitudes have a strong relationship with their families' behavior, in different daily activities, allowing us to hypothesize that when a physical activity intervention program take into account cultural aspects, it can positively affect the modification of parental awareness of the advantages of an active lifestyle.

KEYWORDS: Family, Physical Activity, Children and Adolescents.

1 Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul - SP

2 Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação Física - Laboratório de Antropologia Biocultural

Introdução

A necessidade de buscar explicações para o fenômeno “envolvimento em atividades físicas” tem estimulado a auto-relação de diferentes fatores que, direta e indiretamente, podem influenciar a prática regular de atividade física em crianças e adolescentes.

Considerando que a atividade física é um fenômeno complexo e multidimensional, de caráter individual ou populacional, há a possibilidade de análise do movimento humano, através da prática de atividades físicas formais e não-formais. Um aspecto interessante é que o envolvimento em atividades físicas possui grande variação, durante diferentes períodos da vida, sendo este um fenômeno que ocorre internacionalmente, sendo reversível.

Um novo paradigma sobre a atividade física tem sido considerado como um importante aspecto associado à recuperação, manutenção e promoção da saúde populacional, levando a diferentes benefícios fisiológicos, psicológicos e sociais. Em paralelo, encontramos, a médio e longo prazo, a possibilidade de melhoria da qualidade de vida, o que poderia levar a uma redução da incidência de doenças crônico-degenerativas, em função das adaptações morfo-funcionais, dada a aderência à prática de atividades físicas, tanto espontâneas como supervisionadas.

Nesse sentido, conscientemente, a atividade física não-estruturada pode passar a fazer parte do cotidiano familiar e populacional, embora existam interferências negativas de aspectos pessoais, regionais e ambientais sobre os níveis de adesão a um estilo de vida ativo.

A promoção da saúde, através do envolvimento regular em atividades físicas, tem recebido atenção especial de profissionais em diferentes partes do mundo (6, 9, 10, 18, 27).

Estudos conduzidos no Brasil, relacionando a atividade física e saúde a fatores de adesão, iniciaram-se há menos de uma década e apontam para uma análise crescente das barreiras, associadas à atividade física e ao baixo nível de envolvimento em atividade física de populações (1,3,4,12,14,23,30).

Recentemente, uma ação pioneira no Brasil, considerando os novos paradigmas da atividade física, foi proposta através do Celafiscs e Secretaria de Estado da Saúde, Programa Agita São Paulo que visa a incrementar o nível de conhecimento e envolvimento populacional em atividades físicas (29).

Esse mecanismo associado à modificação das propostas do movimento humano com caráter esportivo, para uma ação social mais abrangente, foi historicamente baseado no conceito sugerido por CASPERSEN (11), que apresenta a atividade física como qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos e que resulte em gasto energético, pela contração muscular, acima dos níveis de repouso, realizado, na maioria dos dias da semana, em intensidades leve e moderada, por, pelo menos, 30 minutos cada sessão, de modo contínuo ou acumulado.

Por outro lado, recentemente, ROCHA FERREIRA (33) apresenta uma visão multifacetária, indicando que a atividade corporal representa uma expressão de complexidade de significativos valores sócio-históricos, integrados à capacidade de adaptação filogenética e ontogenética da espécie humana. Em termos biológicos, a função é a sobrevivência e reprodução mas, em termos sócio-culturais, a função é a melhoria da qualidade de vida, garantindo condições mínimas de alimentação, educação, saneamento básico, lazer, cuidados com a saúde, enfim, sobrevivência digna do ser humano.

Como ponto de partida para a mudança de comportamento e estabelecimento de um novo hábito, ressaltamos a necessidade de estímulo de crianças e adolescentes para a prática de atividade física, considerando uma proposta de saúde pública, tanto presente, como futura.

Segundo SALLIS & PATRICK (38), analisando as “Recomendações Populacionais”, *todos os adolescentes devem estar, diariamente, fisicamente ativos ou, pelo menos, quase todos os dias, como parte do brincar, jogos, esporte e trabalho, transporte, atividades recreativas; envolverem-se em aulas de educação física ou exercícios planejados, com o envolvimento da família, escolas e em atividades comunitárias.*

Nesse contexto, ressaltamos a presença dos elementos sócio-históricos no qual a família, escola e comunidade são fatores integrados e fortemente relacionados, onde a garantia ao lazer, educação, saúde e segurança são fatores que podem positivamente estimular a velocidade de integração das estruturas sociais, para a prática de atividades físicas. A associação de tais valores permite, em conjunto, capacitar o aprendizado do ser humano, à mudança do comportamento, frente aos hábitos de vida, incorporando novos conceitos dados pelos estímulos psicológicos e culturais (19).

História e os complexos familiares

O papel da família no desenvolvimento dos filhos tem sido apresentado por diferentes autores (2, 29, 41), embora a influência dos pais, no comportamento dos filhos, ainda não esteja completamente esclarecida, principalmente no que se relaciona aos hábitos dos pais e sua repercussão no comportamento dos filhos, em idades menores e adultas, embora alguns estudos apontem para uma forte relação.

Segundo LÉVI-STRAUSS, (21) a família poderia ser caracterizada como um grupo social que possui, pelo menos, três pontos básicos: A) tem como origem o casamento; B) é constituída pelo marido, esposa e filhos, provenientes dessa união, desde que seja lícito conceber que outros parentes possam encontrar o seu lugar próximo ao núcleo do grupo; C) os membros estão unidos entre si (laços legais; direitos e obrigações econômicas, religiosas; entrelaçamento definido por direitos e proibições sexuais, além de diversos sentimentos psicológicos).

HITA (16) conceitua família como um grupo de pessoas que habita o mesmo ambiente e que divide as

funções familiares, desde a preparação de alimentos até a supervisão da educação infantil.

ARRIÉS (5) apresenta que a história da família, é datada do século XI, na Europa medieval, que se caracterizava pela união como uma troca complementar das atividades sociais e especialidades do trabalho masculino e feminino, em função dos meses do ano, pela busca da sobrevivência, onde o amor cortês não era o ponto de união entre homens e mulheres, naquele momento, mas, sim, as capacidades físicas do trabalho. O nascimento formal da família, com características maritais, dá-se entre o século XIII e XIV, quando a união é representada por “laços de amor” e há, inicialmente, mais de uma mulher representada como esposa. No século XVI, a idéia de família cresce com a institucionalização do casamento religioso, levando ao fortalecimento da igreja, nesse processo. Por outro lado, a presença dos filhos que vivem na intimidade da família irá caracterizar “o fruto do amor cortês”, cabendo à “dona de casa” educá-lo para a maturidade dos próximos anos, dando, a partir desse momento, a forte presença da hierarquia familiar e divisão formal do trabalho, dentro da família. O papel do homem, nesse momento histórico, é ter a função de provedor, mantendo as propriedades familiares como forma de sobrevivência, enquanto a mulher atém-se à criação dos filhos, o que significa que a presença dos filhos, como membros da família, não é anterior a 3 séculos. Os filhos são colocados como sucessores do status social que a família detinha, resultando na formação do academicismo domiciliar, como jogos pouco atraentes e não iguais, para meninos e meninas.

LÉVI-STRAUSS (21) faz historicamente uma forte associação entre o casamento e a institucionalização de família, caracterizando-os como sistemas de alianças, que são iniciados com forte interferência dos aspectos econômicos e sexuais, no qual o primeiro parece possuir uma maior relação.

Por outro lado, a família, desde a sua institucionalização formal, durante o século XVII, mantendo-se semelhante até os dias atuais, mostrou que poderia ir além das obrigações da unidade econômica e que se tornaria um núcleo de afetividade, espaço de refúgio e sentimento, entre casal e filhos (22).

Os fatores econômicos atuais têm mudado as estruturas familiares contemporâneas, principalmente pela força do trabalho, tanto para a mulher, como para o homem. Há algumas décadas, observava-se que a mulher (mãe) possuía grande importância na família pelo aspecto protetor e modulador das relações. Por outro lado, o homem (pai), pela representação do trabalho e sucesso.

No Brasil, embora haja uma discreta mudança da estrutura familiar, seria importante ressaltar que, em uma visão histórica, os lares populares e interioranos e, muitas vezes, em grandes cidades, ainda se encontram em uma característica hegemônica e similar à observada em anos passados, isto é, com uma estrutura hierarquizada na divisão interior das tarefas, em que o homem tem o papel de prover o sustento do lar e manutenção do respeito, no interior e exterior da família. O espaço do homem ocorre, fundamen-

talmente, em espaços públicos como a rua, bar, clubes, onde se afirma o comportamento masculino. Em seu papel, a mulher cuida da casa, marido e filhos e, por sua vez, o papel dos filhos é obedecer aos pais, ir à escola e respeitar a qualquer outro membro da família que seja mais velho.

LYRA & RIDENTI (21), apresentaram uma forte transformação do contexto familiar devido às mudanças sociais das últimas duas décadas, em aspectos ligados à saúde reprodutiva, educação dos filhos e equidade entre os sexos. Essa mudança tem sido apontada como benéfica, não só para as crianças, uma vez que há maior possibilidade de interação dos homens no cuidado com as crianças, o que leva também ao desenvolvimento de equidade dos papéis masculino e feminino.

Por outro lado, GOLDANI (15) sugere uma crise de desagregação da família, em função do crescimento populacional, crise econômica, violência e abandono de crianças e jovens. Ainda aponta para alterações no padrão de comportamento, diferentes tipos de união, declínio da fecundidade, aumento das famílias monoparentais e divórcios. Seria interessante ressaltar os arranjos domésticos de “não-famílias” em que as famílias conjugais apresentaram um decréscimo, enquanto que a estrutura monoparental cresceu, sob o aspecto do número de mães sem cônjuges, mas com filhos. O número de chefes de família mulheres aumentou e o de homens decresceu. Houve um decréscimo na fecundidade, principalmente na região sudeste, redução do número de casais com filhos, enquanto que o número de casais sem filhos vem aumentando.

Por outro lado, seria interessante lembrar que a redução do número de filhos levou, ideologicamente, a um deslocamento do padrão familiar. À medida que a família se tornou menor, a criança passou a ter maior importância, levando a uma redução no grau de socialização e aumento da nutrição, no âmbito familiar (24).

Consensualmente, alterações comportamentais da sociedade levaram a mudanças das estruturas familiares, refletindo direta ou indiretamente nos “novos” papéis de cada membro da família e, também, da escola. Essas mudanças poderiam estar refletindo as crenças e os aspectos sócio-culturais de uma população, podendo interferir na efetividade das propostas de programas de intervenção, em atividade física, considerando a mudança do comportamento e estilo de vida.

Influência do comportamento da família frente ao envolvimento dos filhos, na prática de atividades físicas

A formação do comportamento humano é um fenômeno complexo que sofre interferências da família, escola e sociedade. Sociedades econômica e culturalmente mais estáveis que a brasileira têm mostrado uma forte relação entre os hábitos de vida dos pais e o comportamento dos filhos, principalmente como abordado, nesta revisão, a interdependência com o envolvimento em atividades físicas.

Recentemente, AZNAR (7) apresentou 3 grandes blocos de fatores que influenciam a prática regular de atividade física dos filhos, destacando: 1 - *as características das relações sociais da família, considerando os aspectos sócio-culturais*, como emprego, nível educacional, valores culturais; 2 - *influência social*, considerando os grupos de amigos, familiares e a forma da relação entre os seus membros; 3 - *dinâmica familiar*, tendo com ponto de partida as características de crescimento e desenvolvimento dos filhos, as formas de interferência familiar e dos amigos.

No mesmo estudo, analisando a interferência dos pais e irmãos, relacionada à motivação, encorajamento, decisão e convencimento para a prática da atividade física, encontrou que, de modo geral, há uma influência maior dos irmãos (47,92%) que dos pais (24,95%) na motivação para a prática de atividades físicas. O encorajamento seguiu a mesma tendência com os irmãos, apresentando 68,33% das repostas e, com os pais, 10,80%. Entretanto, para a decisão, vimos um efeito distinto, nos quais os irmãos (24,41%) e os pais (12,30%) apresentaram resultados inferiores à própria avaliação do indivíduo, com 63,29%. Para convencimento, observamos que os pais tiveram 47,49% das repostas e os irmãos, 13,04%. Esses resultados poderiam estar indicando uma influência distinta entre os membros da família sobre os filhos, no estímulo para a prática e atividades físicas.

NETO (28) apresenta, através de sua experiência na Europa, cinco aspectos básicos na decisão familiar para o envolvimento dos filhos em atividades físicas:

- 1 Institucionalização do tempo livre pela família;
- 2 Determinação do espaço livre e disponível, para a prática de atividade física;
- 3 Relação social entre os membros da família;
- 4 Determinação das necessidades das crianças;
- 5 Atitudes parentais diante da atividade física.

SALLIS & NADER (33), considerando a realidade americana, apresentaram a existência de fatores determinantes para a prática de atividades físicas de crianças e adolescentes, destacando 4 grandes grupos, produtos de diversos fatores teóricos e não-teóricos que levam a mudança de comportamento. Considerando os fatores externos ao ambiente familiar, encontramos a vizinhança, amigos, escola, trabalho, economia, mídia e o governo, como fatores determinantes. Dentre os fatores contribuintes, destacamos os fatores biológicos, sociais, psicossociais, ambientais. Os fatores biológicos (idade, sexo, composição corporal), sociais (influência dos pais, irmãos, professores e amigos), psicossociais (conhecimento sobre a saúde e exercícios, conhecimento de como se tornar ativo, barreiras para a atividade física, intenção de ser ativo, atitudes sobre atividade física, auto-eficácia e personalidade) e ambientais (dias da semana, estações do ano, local, programas organizados, hábitos de uso da televisão e videogame) não apresentam as mesmas interferências sobre as crianças e adolescentes, para o envolvimento em atividades físicas. Por outro lado, fatores étnicos, analisados por

SALLIS (40), grupos com diferentes características étnicas (latinos, asiáticos, afro-americanos, de alto e baixo nível sócio-econômico), mostraram que o suporte familiar apresentou valores de concordância com a adesão a programas de atividade dos filhos ($r=0,79$), tendo valores inferiores somente para conhecimento dos benefícios de um estilo de vida ativo ($r=0,86$). Nesse contexto, a interferência familiar tem apresentado uma das relações mais fortes, quanto ao estímulo para o envolvimento em atividades físicas espontâneas ou orientadas diariamente, principalmente tendo em vista a relação entre pais, filhos e irmãos.

Em estudo similar, TARAS (41) apresentou que 69 mães de crianças, entre 3 e 8 anos de idade, reportaram que seus filhos permaneciam, em média, 21,4 horas por semana assistindo à TV (3 horas/dia), sendo que em 50% do tempo havia consumo de alimentos e somente 35% das mães citaram que seus filhos faziam alguma atividade física regular. A prevalência de obesidade, nesses grupos avaliados, foi de 78%.

Esses resultados poderiam estar sugerindo a necessidade de orientação para um estilo de vida ativo, em idades menores, onde o papel da família, em especial dos pais, teria grande influência (13, 30, 42).

Considerando que existe uma forte relação entre os hábitos sociais de adultos e o comportamento infantil, encontramos, em estudo desenvolvido por AMORIM & SILVA (1), que os fatores do estilo de vida, em indivíduos da adolescência à fase adulta (13-53 anos), encontraram características similares, em relação às faixas etárias e sexos, embora em muitos casos, tais hábitos não sejam discutidos no ambiente familiar. Esse estudo apresentou que 51% dos adolescentes, entre 13 e 17 anos, tendem a aderir à prática de atividades físicas, para reduzir o peso corporal, sendo similar ao encontrado em adultos, entre 22 e 32 anos de idade. Em relação ao fortalecimento muscular, 28% das adolescentes têm aderido à atividade física, com resultados similares nos adultos entre 24 a 37 anos (31%). Esses resultados poderiam estar indicando um aspecto comportamental frente à imagem corporal e relacionado às características biológicas, associadas ao estilo de vida, bem como perspectivas ligadas à saúde, em ambas as faixas etárias.

Por outro lado, seria interessante ressaltar a relação do comportamento de adultos e de adolescentes com o hábito de consumo de álcool, similar em adolescentes (13-17 anos), comparados a outras faixas etárias, entre 48-53 anos, com prevalência de 52,2% e 56,4% respectivamente, bem como com o consumo de cafeína. Esses três hábitos sociais (tabagismo, consumo de café e atividade física) são fortemente associados às interferências sociais e comportamentais, que poderiam levar à modificação (positiva ou negativa) do estado de saúde. Vale lembrar que a maioria dos hábitos de adolescentes seguem inicialmente a interferência social e do meio ambiente, perpetuando-se, em muitos casos, na fase adulta.

A interação entre o comportamento de adultos e crianças representa a oportunidade de um rico desenvolvimento, pela diversidade de fatores interativos e experiências para a saúde mental, nesse período da vida, destacando o importante papel nas participações em atividades de

lazer, socialização, nível de satisfação, atitudes, auto-estima e agressividade, como fatores norteadores, além das características maritais (22). Isto poderia estar indicando as relações entre os comportamentos vividos nas fases da adolescência e de adultos jovens, bem como manutenção do comportamento, na fase mais velha. Por outro lado, a interferência de adultos, nesse período da vida, muito pode contribuir para a formação de uma consciência sócio-cultural, onde melhor interação dos aspectos comportamentais seriam atingidos.

A análise da interferência dos pais, na atividade física de garotos e meninas foi determinada em 7 escolas públicas (149 indivíduos de ambos os sexos), durante o ano escolar, encontrando (37) pais que reportaram atividade física diária, mas não foi encontrada relação com atividade e aptidão física dos filhos. Entretanto, a disponibilidade dos pais transportarem os filhos para as atividades físicas e esportivas apresentou forte associação, bem como o estímulo oral, tanto para a prática, como durante a atividade, levando a concluir que a possibilidade de acesso aos locais de prática de atividade física é um fator que pode contribuir para o incremento e manutenção do nível de atividade física dos filhos.

ANDERSEN (2) diagnosticou o nível de atividade física de pais e filhos adolescentes, através da aplicação de questionário para os filhos, que abrangia questões em relação ao que era feito no tempo livre dos pais e a participação em atividades físicas, bem como as realizadas por eles (filhos); estímulo dos pais para a prática de atividade física dos filhos; percepção da importância que os pais davam aos filhos estarem ativos, no tempo livre. Por outro lado, fez-se um levantamento, aplicado aos pais, sobre a frequência com que os filhos praticavam esportes ou atividades físicas, o que determinava a percepção dos pais no acompanhamento dos filhos, em atividades de esporte ou exercício; o estímulo que os pais davam aos filhos, para que eles se envolvessem em atividades físicas; o que os pais pensavam sobre os filhos serem ou não ativos, e quantas horas os filhos se exercitavam, fora do ambiente escolar. A análise dos resultados, quanto à concordância das respostas dos filhos e pais, apresenta valores significativos entre o tempo livre dos pais e o estímulo para a participação das crianças, em programas de atividade física. Embora esses resultados se associassem à percepção entre os membros da mesma família, não se determinou a relação da percepção dos pais e mães, em relação aos filhos e filhas. Ainda se poderia determinar a relação entre o nível de aptidão física dos pais e o nível de atividade física dos filhos, para uma melhor explicação do fenômeno observado.

Em outro estudo, MOORE (25) observou que os filhos de pais ativos são, em média, 5,8 vezes mais ativos que filhos de pais inativos. Logo, o papel do pai parece estar fortemente associado, nesse contexto, sendo que filhos (as) de pais ativos e mães sedentárias têm 3,5 vezes mais chance de serem ativos, enquanto que, para pais sedentários e mães ativas, os valores ficam em 2,4 vezes, indicando, desse modo, uma forte intervenção familiar no comportamento de hábitos saudáveis de crianças, principalmente por envolver o “modelo inconsciente” dos pais. Nesse estudo, apresenta que o hábito saudável de crianças

estaria associado a fatores que necessitariam de ser modificados, em relação aos seguintes aspectos do comportamento: 1 - aumentar o número de atitudes que levem a um estilo de vida saudável; 2 - permitir o acesso a mecanismos atrativos, para um estilo de vida ativo; 3 - promover o incremento de atitudes saudáveis dos pais, por meio de participação em eventos; 4 - incrementar a participação dos pais, em atividades físicas; 5 - estimular as crianças a participarem de programas supervisionados.

Aspectos específicos de orientação e estímulo a programas supervisionados mostraram ter maior força em relação aos fatores determinantes da atividade física do que aos fatores determinantes pessoais, como: experiência em programas anteriores, atividades atléticas, prazer em fazer atividade física, acesso a instalações e tempo disponível. Por outro lado, a força da família e o apoio de amigos e companheiros, para o envolvimento em atividades físicas, parece ser maior, quando o envolvimento se refere a atividades físicas espontâneas. Esses dados estariam reforçando a importância do comportamento familiar, na orientação para um estilo de vida ativo dos filhos.

AZNAR (7), avaliando a influência familiar na atividade física de adolescentes, encontrou forte relação entre participação familiar e o encorajamento dos filhos para a adesão. Os resultados indicaram que 69,3% das garotas e 75,4% dos rapazes reconhecem a influência familiar no estímulo para a prática de atividades físicas. Notou, ainda, que 64,8% dos garotos foram classificados como ativos pelo tempo de envolvimento em atividades físicas, enquanto que as garotas chegaram a 63,4%, pelo mesmo critério. Esses resultados estariam indicando uma importante participação da família no nível de atividades física dos filhos.

Recentemente, KALISH (17) percebeu que a participação dos pais e mães, em atividades físicas com os filhos, ainda é baixa nos Estados Unidos, embora haja um forte incentivo para esse fim. As mães, em geral, não participam semanalmente de atividades físicas com os filhos(as): 57% nunca participou de atividades físicas; 18% fizeram, uma vez por semana; 14%, duas vezes por semana; 6%, três vezes por semana; 2%, quatro vezes por semana e 3% participaram cinco vezes por semana. Em relação aos pais, 62% nunca esteve envolvido; 14%, uma vez por semana; 12%, duas vezes por semana; 6%, três vezes por semana; 3%, quatro vezes por semana e 3%, cinco vezes por semana. Esses resultados estariam associados à possibilidade de tornar o filho(a) mais ativo, considerando as características da atividade como alegria, na execução e participação; sentimento e possibilidade de sucesso; participação de amigos; participação dos pais; experiências variadas e entusiasmo de professores e técnicos.

SALLIS (36) afirma que o sucesso da participação da família, em atividades físicas com os filhos, está diretamente ligado ao tempo disponível, bem como à importância que creditam à prática de atividades físicas, onde motivação (da família), conhecimento das necessidades dos filhos e apoio dos membros da família são fundamentais. A associação entre tais fatores permitirá que se estabeleça um comportamento mais adequado quanto à atividade física e à possibilidade de passar a existir um estilo de vida ativo.

Por outro lado, as condições de saúde dos filhos também parecem estar relacionadas às atitudes dos pais. SALLIS (39), avaliando adiposidade das mães, em relação à adiposidade dos filhos, encontrou uma relação positiva. Os resultados dos valores de correlação apresentaram uma tendência entre a influência das mães (medidas por questionário) e a atitude dos filhos (determinada por observação). Exemplificando, a correlação entre pais e filhos indicou que, em filhos de mães obesas, não há nenhum controle sobre os hábitos alimentares ($r=0,66$), bem como com o envolvimento em atividades físicas ($r=0,75$), participação em atividades realizadas no tempo livre ($r=0,59$) e tempo de televisão ($r=0,76$).

Ainda comparando o gasto calórico das mães e filhos, em atividades físicas diárias, encontrou valores de 30,61 kcal/kg/dia para as mães e 39 kcal/kg/dia para os filhos, indicando hábitos similares para esses grupos, com pequeno gasto calórico.

Em estudo similar (4), notaram que o risco de doenças cardiovasculares possui uma forte relação com o comportamento dos pais e filhos. Essa relação está ligada aos fatores agregados familiares, “onde há similaridade no comportamento dos membros da família, em relação aos hábitos ligados à saúde”. Os fatores agregados interferem em qualquer hábito que seja degenerativo para a saúde, como tabagismo, dieta e estilo de vida sedentário. Os resultados indicaram que, para cada um desses fatores, 16% dos adolescentes, que são fumantes, apresentam pais fumantes, enquanto 6% de adolescentes fumantes têm pais não fumantes. Esses valores tendem à manutenção do comportamento, à medida que os filhos vão ficando mais velhos, passando para 17% e 4%, respectivamente. Em relação aos hábitos dietéticos, encontramos, de modo geral, uma contribuição entre 3,5% e 12,9%, sendo que pais obesos ou em sobrepeso possuem filhos com essa mesma característica. O estímulo à participação de crianças em atividades físicas, a atitude dos pais e, na adolescência, a dos amigos, são importantes fatores agregados ao comportamento familiar, para a associação a um novo hábito. BABKES & WEISS (8), analisando a influência dos pais nas respostas afetivas e cognitivas de crianças praticantes de futebol, concluíram que as crianças percebem que os pais dão maior apoio à atividade física do que as mães, causam maior pressão e estimulam mais o envolvimento dos filhos com o sucesso da prática esportiva, enquanto as mães estimulam mais a competição. A auto-avaliação dos pais, em relação a sua participação no envolvimento com as crianças, mostrou que os pais causam maior pressão e estimulam mais que as mães. A auto-avaliação materna apresenta maior apoio que os pais e estimula mais a competição, demonstrando uma relativa coincidência no padrão de respostas entre mães e filhos.

Em estudo recente, MOTA & QUEIRÓS (26) avaliaram a percepção dos pais diante da atividade física dos filhos e filhas. As respostas citadas pelos pais foram que 20% dos garotos são sedentários, 7,5%, ocasionalmente ativos, 48%, moderadamente ativos, 19%, ativos e 5,5%, muito ativos. Por outro lado, para o grupo feminino, 48% são sedentárias, 6,4%, ocasionalmente ativas, 31%, moderadamente ativas, 11%, ativas e 3,6%, muito ativas. Os pais

citam que 72% dos garotos e 66,7% das meninas são suficientemente ativos e que se encontram igualmente ativos, se comparados aos seus amigos da mesma idade. Entretanto, considerando a auto-avaliação dos filhos(as) sobre o nível de atividade física, indicou que 65% e 56%, respectivamente, consideram-se ativos, evidenciando respostas supracitadas da percepção dos pais em relação aos filhos.

Conclusão

Assim, os resultados encontrados na presente revisão de literatura mostram, de modo geral, uma relação entre nível de participação de crianças e adolescentes em atividade física e esportes com fatores familiares, considerando a participação dos pais e membros da família suas características bio-sócio-culturais.

Entretanto, dados da literatura nacional ainda não foram encontrados nessa direção, a ponto de se conhecer o padrão de comportamento familiar e a relação com o nível de atividade física dos filhos. Seria interessante buscar uma relação entre os hábitos de atividades físicas dos pais e filhos, em idades menores e ao longo da vida.

Referências bibliográficas

1. AMORIM, P.R. E SILVA, S.C. Perfil de demanda e hábitos sociais de indivíduos que aderem a prática de atividades físicas supervisionadas. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, 3(2):22-31, 1998.
2. ANDERSEN, N.; JACOBS, JR., D.R.; AAS, H. AND JAKOBSEN, R. Do adolescents and parents report each other's physical activity accurately? *Medicine and Science in Sports and Exercise*, 5:302-307, 1995.
3. ANDRADE, D.R.; MATSUDO, S.M.M.; MATSUDO, V.K.R.; ARAÚJO, T.L.; ANDRADE, E.L.; ROCHA, A; ANDRADE, R. and ROCHA, J.R. Physical activity patterns in girls and boys from low socioeconomic region. *European Journal of Physical Education*, 2:85, 1997.
4. ARAÚJO, T.L.; ANDRADE, D.R.; MATSUDO, S.M.M. E MATSUDO, V.K.R. Relação entre atitude e prática de atividade física regular. *Artus-Revista de Educação Física e Desportos*, 13(1):121, 1997.
5. ARRIÉS, P. História Social da Criança e da Família. 2ª Edição, Editora ITC, São Paulo, 1972.
6. AUWEELE, Y.V.; RZEWNICKI, R. and MELE, V.V. Reasons for not exercising and exercise intention: a study of middle-age sedentary adults. *Journal of Sport Science*, 15, 151-165, 1997.
7. AZNAR, S.; BARNES, A; PAGE, A; MCKENNA, J.; RIDDOCH, C.; CHRISTOPHER, M.; GOLDBERG, J. and SIMMONDS, G. Familial influence on adolescents physical

- activity. IN: Amstrong, N. Children and Exercise, 163-168, 1997.
8. BABKES, M.I. and WEISS, M. Parental influence on children's cognitive and affective response to competitive soccer participation. *Pediatric Exercise Science*, 11:44-62, 1999.
9. BEUNEN, G.; LEFEVRE, J.; RENSON, R.; SIMONS, J.; CLAESSENS, A.; OSTYN, M. and YAN, G. Influence of physical activity on the physical growth, maturation and performance of adolescence boys. *Annals of Children and Exercise Pediatric Work Physiology XV*: 143, Hungria, 1989.
10. BLAIR, S., BOOTH, M.; GYRFAS, J.; IWANE, H.; MARTI, B.; MATSUDO, V., MORROW, M.; NOAKES, T. and SHEPHARD, R. Development of public policy and physical activity initiatives internationally. *Sports Medicine*, 21(3):157-163, 1996.
11. CASPERSEN, C.J.; POWELL, K.E. and CHRISTENSEN, G.M. Physical activity, exercise and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research. *Public Health Reports*, 100:126-131, 1985.
12. COELHO, M.S. e SILVA, O. J. Exercício físico espontâneo de rua: como são controladas a duração, frequência e intensidade. *Revista Brasileira de Medicina Esportiva*, 5(1):09-12, 1999.
13. CURTIS, J.E. and RUSSEL, S.J. Physical activity in human experience: interdisciplinary perspectives. 1st edition, Human Kinetics Publishers, Illinois, 1997.
14. FIGUEIRA JÚNIOR, A.J.; ANDRADE, D.R.; ARAÚJO, T.L.; MATSUDO, S.M.M.; MATSUDO, V.K.R. ANDRADE, E.L. e OLIVEIRA, L.C. Barreiras para a aderência à atividade física em adolescentes e adultos. *Anais do 1º Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde*, 61, 1997.
15. GOLDANI, A M. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. *Cadernos Pesquisa de São Paulo*, 91: 7-22, 1994.
16. HITA, M.G. A família em passos: pontos e contrapontos e a perspectiva de modelos alternativos. *Anais do XXII Encontro Anual da Anpocs*, 1998.
17. KALISH, S. Your child's fitness: practical advice for parents. 1st Edition. Human Kinetics Publishers, Illinois, 1996.
18. KOLODY, B. and SALLIS, J.F. A prospective study of ponderosity, body image, self concept and psychological variables in children. *Developmental and Behavior Pediatrics*, 16 (1):1-5, 1995.
19. KREBS, R.J. Teoria dos Sistemas Ecológicos: Um Paradigma para o Desenvolvimento Infantil. Editora Kinesis, UFSM, 1997.
20. LACAN, J. O Complexo, fator concreto da psicologia familiar. IN: Lacan, J. Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo. 1ª Edição, Jorge Zahar Editora, RJ, 1972.
21. LÉVI-STRAUSS, C. A Família. IN: Shapiro, H.L. Homem, Cultura e Sociedade. 1ª Edição, Editora Fundo de Cultura, RJ, 1956.
22. LYRA, J. e RIDENTI, S. Mãe presente, pai ausente? Reflexões preliminares sobre as funções parentais dos anos noventa. IN: *Anais do XXII Encontro Anual da Anpocs*, 1998.
23. MATSUDO, S.M.M.; ARAÚJO, T.L.; MATSUDO, V.K.R.; ANDRADE, D.R. e VALQUER, W. Nível de atividade física em crianças e adolescentes de diferentes regiões de desenvolvimento. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, 3(4):14-26, 1998.
24. MITCHELL, J. Mulheres: a revolução mais longa. *Revista Civilização Brasileira*, 3(14):5-41, 1967.
25. MOORE, L.L.; LOMBARDI, D.A.; WHITE, M.J.; CAMPBELL, J.L.; OLIVEIRA, A.S. and ELLISON, C.R. Influence of parents physical activity levels of young children. *Journal Pediatric*, 118:215-219, 1991.
26. MOTA, J. e QUEIRÓS, P. Children's behavior: physical activity regarding parent's perception vs children activity. *International Review for Sociology of Sports*, 31(2):173-181, 1996.
27. NETO, C. Tempo & espaço de jogo para crianças: rotinas e mudanças sociais. *Artus-Revista de Educação Física e Desporto*, 13(1): 28-38, 1997.
28. OLIVEIRA, M.C. A família no limiar do ano 2000. *Estudos Feministas*, 1(1):55-63, 1996.
29. PINHO, R.A e PETROSKI, E.L. Nível de atividade física em crianças. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, 2(3):67-79, 1997.
30. CELAFISCS. Programa Agita São Paulo. Manual de Orientação. 1ª Edição, Celafiscs, São Caetano do Sul, 1998.
31. ROBERTS, G.C. When motivation matters: the need to expand the conceptual model. IN: Skinner, J.S.; Corbin, C.B.; Lânders, D.M. and Martin, P.E. *Future Directions in Exercise and Sport Science Research*, 1st Edition, Human Kinetics Publishers, Illinois, 1989.
32. ROCHA FERREIRA, M.B. Aptidão física numa abordagem antropológica. *Artus- Revista de Educação Física e Desporto*, 16(24): 95-100, 1993.
33. SALLIS, J.S.; PINSKI, R.B.; GROSSMAN, R.M.; PATTERSON, T.L. and NADER, P.R. The development of self-efficacy scales for health-related diet and exercise behaviors. *Health Education Research*, 3(3):283-292, 1988.

34. SALLIS, J.F. and NADER, P.R. Family exercise: designing a program to fit everyone. *The Physical Sports Medicine*, 18(9):130-136, 1990.
35. SALLIS, J.F.; HOVELL, M.F.; HOFSTETTER, C.R.; ELDER, J.P.; HACKLEY, M.; CASPERSEN, C. and POWELL, K.E. Distance between homes and exercise facilities related to frequency of exercise among San Diego residents. *Public Health Report*, 105(2):179-185, 1990.
36. SALLIS, J.F. A behavior perspective on children's physical activity. IN: Cheung, L.W.Y. and Richardmond, J.B. *Child, Health, Nutrition and Physical Activity*. 1st Edition, Human Kinetics Publishers, Illinois, 1994.
36. SALLIS, J.F. and PATRICK, K. A consensus on physical activity for adolescents. *Pediatric Exercise Science*, 6:299-301, 1994.
37. SALLIS, J.F. A north american perspective on physical activity research in children and adolescents. IN: Blimkie, C.J.R. and Bar-or, O. *New Horizons in Pediatric Exercise Science*. 1st Edition, Human Kinetics Publishers, Illinois, 1995.
38. SALLIS, J.F.; JOHNSON, M.F.; CALFAS, K.J.; CAPAROSA, S. and NICHOLS, J.F. Assessing perceived physical environmental variables that may influence physical activity. *Research Quarterly for Exercise and Sports*, 68(4):345-351, 1997.
39. TARAS, H.W.; SALLIS, J.F.; PATTERSON, T.L. NADER, P.R. and NELSON, J. A. Television's influence on children's diet and physical activity. *Developmental and Behavior Pediatrics*, 10(4):176-180, 1989.
40. TAYLOR, W.C.; BARANOWSHI, T. and SALLIS, J.F. Family determinants of childhood physical activity: a social-cognitive model. IN: Dishman, R.D. *Advances in Exercise Adherence*. 1st Edition, Human Kinetics Publishers, Illinois, 1994.
41. YOUNG, D.R.; HASKELL, W.L.; TAYLOR, C.B. and FORTMANN, S.P. Effect of community health education on physical activity knowledge, attitudes and behavior. *American Journal of Epidemiology*, 144(3):264-274, 1996.